

O Lugar dos Fatos na Teoria Pictórica

RESUMO

Neste artigo, pretendemos investigar o papel que os fatos cumprem na teoria pictórica do *Tractatus* de Wittgenstein. Com efeito, tal 'teoria' pretende que a proposição seja um modelo dos fatos. Desse modo, nossa análise deve girar em torno da capacidade que uma proposição tem de representar um fato e de que maneira um fato se relaciona com a verdade. Assim sendo, a nossa abordagem será uma análise filosófica das condições de enunciação de um discurso significativo sobre o mundo. Portanto, pretendemos identificar qual é a contribuição da chamada 'teoria pictórica' do *Tractatus* para o campo da ciência e para o campo da filosofia, já que, nesta obra, Wittgenstein determina os limites do que é dizível e do que apenas pode-se mostrar. Por conseguinte, a noção de 'fato', no *Tractatus*, é basilar para um entendimento do que seja a 'verdade' de acordo com a teoria pictórica. E isso, parece-nos ser relevante para a filosofia da linguagem contemporânea, visto que tem prevalecido certa noção de verdade como contingência e não como necessidade na contemporaneidade. Essa interpretação, certamente, é uma herança do *Tractatus* que foi sendo incorporada e modificada pelos filósofos da linguagem, inclusive o próprio Wittgenstein na sua última fase, a das *Investigações Filosóficas*.

Palavras-chave: Fato; Proposição; Verdade; Teoria pictórica.

ABSTRACT

This article aims to investigate the role played by facts in the picture theory of Wittgenstein's *Tractatus*. Indeed, such 'theory' claims that the proposition is a model of the facts. Thus, the analysis must work about the capacity that a proposition has to represent a fact and how a fact relates with the truth. So, our approach will be a philosophical analysis of the conditions of enunciation required by a meaningful discourse about the world. Hence, we aim to investigate what is the contribution made by the so called 'picture theory' to the realm of science and to the realm of philosophy, once that in the *Tractatus* Wittgenstein determines the limits of what can be said and what can be only shown. Consequently, the notion of 'fact' is fundamental to understand what is the 'truth' according to the *Tractatus* picture theory. And this seems to be relevant to the contemporary philosophy of language, as nowadays has prevailed a certain notion of truth as contingency rather than necessity. This interpretation is certainly a legacy of the *Tractatus* that was being built and modified by philosophers of language, including Wittgenstein himself in his last phase, that of the *Philosophical Investigations*.

Key words: Fact; Proposition; Truth; Picture theory.

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

○ *Tractatus logico-philosophicus* não é um livro que tenha construído qualquer teoria. Wittgenstein não considerava a filosofia uma doutrina, mas, sim, uma ferramenta com a qual o filósofo faria a clarificação lógica do pensamento – seu mesmo ou de outrem. Portanto, falar em ‘teoria pictórica’ é recorrer a uma terminologia criada por estudiosos e pela crítica para se reportar a uma característica singular expressa no *Tractatus*: a proposição é a figuração de um fato. E figurar um fato é representá-lo, tal qual uma pintura ou fotografia. Daí, então, falar-se em ‘teoria pictórica’.

De que trata, então, essa ‘teoria’? Trata da possibilidade de uma proposição representar um fato, ou seja, das condições de possibilidade do discurso significativo. De outro modo, a ‘teoria pictórica’ trata de *factos*, da descrição do mundo. Sendo assim, não se pode falar de ‘teoria pictórica’ ou figurativa sem falar em fatos. Neste sentido, o que pretendemos é investigar qual é o lugar que os fatos ocupam na ‘teoria pictórica’. Nessa investigação, recorreremos às noções de objeto, sujeito, solipsismo e realismo no *Tractatus*.

Para Wittgenstein, “O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas”(1.1), “Pois a totalidade dos fatos determina o que é o caso e também tudo que não é o caso” (1.12). Aqui, é preciso notar a distinção entre *factos* e *coisas*. Estas correspondem aos objetos e aqueles aos estados de coisas. Sendo assim, os objetos são condição de existência para os fatos e, de certo modo, são a substância do mundo.

Com isso, percebemos que os objetos não são fatos. Portanto, não estão no mesmo nível dos fatos. “O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas” (2) e “O objeto é simples” (2.02). Isso implica a possibilidade de representação, de figuração, pois, “Figuramos os fatos” (2.1), não objetos, uma vez que os objetos não podem ser descritos, já que são simples e “[...] constituem a substância do mundo. Por isso não podem ser compostos” (2.021), ao contrário dos fatos que são complexos, tal qual a proposição. Podemos dizer, então, que o fato é uma ligação de objetos.

Os fatos têm um lugar privilegiado na ‘teoria pictórica’, pois, embora figuremos também ficções, só os fatos determinam o *verdadeiro*. Luiz Henrique Lopes dos Santos diz que

[...] fatos são sentidos proposicionais verdadeiros, a faticidade de um fato é sua verdade. Assim, ao lado dos fatos existem entidades da mesma espécie lógica e ontológica que se distinguem deles apenas por não serem fatos: os sentidos das proposições falsas. (2008, p. 43).

Assim, a ‘teoria pictórica’ diz respeito ao efetivo e ao não efetivo, de modo que o verdadeiro corresponde ao efetivo, isto é, aos fatos. No entanto, os fatos não determinam o que pode ser dito, o que pode ser descrito. Quem determina o que pode ser dito é a lógica, pois, ela define o campo do significativo com independência de quais sejam os fatos no mundo. Todavia, a lógica, ela mesma, não está no campo do discurso significativo. Ela é a condição para a descrição do mundo, mas não pode ser descrita sob pena de um regresso ao infinito. A lógica, portanto, cuida de si mesma e de todos os fatos.

Poder figurar um fato não é algo que se resolva ontologicamente, mas sim logicamente, pois, os fatos são contingentes e a lógica é necessária, ou seja, a proposição enquanto figuração deve estar dentro dos limites da lógica. Caso não respeite esses limites não será uma proposição e, conseqüentemente, não representará nada. O papel dos fatos, então, na ‘teoria pictórica’ é separar o efetivo do não efetivo e, assim, estão restritos a uma parte do que pode ser figurado, mas não à totalidade do que pode ser figurado.

O mundo é um fato, um estado de coisas, pois, ele existe. Mas isso é mera casualidade. O fato de existir esse mundo e não outro é menos relevante. Toda e qualquer relevância que o mundo tenha e, por conseguinte que os fatos tenham, é por conta da estrutura lógica que lhe é intrínseca, visto que “É essencial para a coisa poder ser parte constituinte de um estado de coisas” (2.011). Isso porque “Na lógica nada é casual: se a coisa *pode* aparecer no estado de coisas a possibilidade do estado de coisas já deve estar julgada na coisa” (2.012). O que quer dizer que o fato resulta de uma possibilidade figurativa da lógica, ou seja, ele corresponde a uma das figurações possíveis, mas poderia corresponder a outra qualquer, uma vez que todas as figurações possíveis estão previstas na lógica.

Isso gera um outro problema para a ‘teoria pictórica’ e o lugar dos fatos: se o que

pode ser representado depende da lógica e se a proposição é uma figuração lógica, podemos pensar que existe um *sujeito* doador de sentido ao mundo, uma vez que seria a linguagem desse sujeito que descreveria o mundo. Estaríamos, então, no terreno movediço do solipsismo, onde “*Os limites de minha linguagem* significam os limites de meu mundo.” (5.6) e o mundo estaria reduzido a um *eu* (5.63).

Talvez tenham até razão aqueles que falam de um certo solipsismo no *Tractatus*. Acontece que esse solipsismo não gera os fatos, nem mesmo chega a ter um sujeito empírico ou um *eu* psicológico. Mas esse eu, esse sujeito é responsável pelo sentido proposicional. Contudo, não pode ser dito, porque descrevê-lo é um contra-senso. O eu entra na filosofia pela via de que ‘o mundo é meu mundo’. O eu filosófico não é o homem, não é o corpo humano ou a alma humana, de que trata a psicologia, mas o sujeito metafísico, o limite – não uma parte – do mundo. (5,641).

O solipsismo quer descrever a essência do mundo, mas não pode fazê-lo. E, no entanto, a essência do mundo precisa ser conhecida, para que dos objetos simples possamos figurar os fatos. Assim, o *eu se mostra* como uma propriedade interna do mundo: eu sou meu mundo (SANTOS, 2008, p. 105).

Aqui, solipsismo e realismo coincidem, pois, é na configuração dos fatos que os limites do mundo são mostrados. E os da linguagem também, visto que são definidos os limites do dizível. Os fatos são os únicos fatos possíveis e a linguagem a única linguagem possível. Nessa medida,

[...] entender a linguagem do outro não é apreender o suposto fato em que consistiria o ato pelo qual o outro projeta a realidade nos sinais proposicionais que produz, mas é fazer minha a linguagem do outro, projetar por mim mesmo a realidade nesses sinais, apropriar-me dos sinais do outro e fazer deles meus símbolos. A linguagem é minha linguagem, a única que eu entendo (SANTOS, 2008, p. 104).

Se há um sujeito solipsista, então, esse sujeito é a linguagem, que é a única possível. Nesse contexto, solipsismo e realismo desemboçam no mesmo lugar, pois, o mundo, a configuração dos fatos também são as únicas possíveis. O mundo e a linguagem são fatos da lógica.

O que pode existir é o que se pode pensar. O mundo pode ser isso ou aquilo, mas seu espaço de manobra é limitado pelas fronteiras do espaço lógico. Pode-se pensar que o mundo seja isso ou aquilo, mas o espaço de manobra do pensamento é limitado pelas fronteiras da sintaxe lógica da linguagem. (SANTOS, 2008, p. 104).

A lógica esvazia tanto o mundo quanto o sujeito, mas isso só pode ser mostrado na aplicação da lógica e nunca descrito. Para Bento Prado Neto,

Assim como uma linguagem completamente analisada *mostra* quantos e quais são os nomes de objetos com significados diferentes exibindo-os todos, ela também mostra que ‘o sujeito não existe’ pela inexistência de um elemento simbólico que lhe corresponda. (2003, p. 17).

Poderíamos dizer ainda, com Prado Neto, que “[...] a verdade do solipsismo como realismo decorre apenas da forma geral da proposição, que ‘a lógica’ pode antecipar.” (2003, p. 15).

‘A teoria figurativa’, então, sendo ela mesma um fato, tem um lugar especial no mundo. Não é só um fato entre outros fatos. Ela é um fato em relação direta com a estrutura do mundo. É o espelhamento do mundo. É o meio pelo qual o sujeito tem acesso ao pensamento. A linguagem, não sendo ela critério de si mesma é o que nos permite conhecer os fatos. A teoria pictórica é um fato empregado na representação e descrição de outros. A tarefa dela seria, então, decidir qual modelo figurativo representaria melhor os fatos existentes. Não obstante, isso dependeria de saber quais fatos realmente ocorrem no mundo e isso cabe ao cientista, não ao filósofo.

Uma outra tarefa, mais propriamente filosófica, seria a de exibir o modo pela qual essa linguagem pode aplicar-se ao mundo, a de confrontar a forma dessa linguagem com a do mundo. (PRADO NETO, 2003, p. 25).

Vale dizer: as condições de significação do discurso são testadas nesse fato que é a proposição, ou seja, na ‘teoria pictórica’. A teoria figurativa serve de modelo representacional para antecipar, logicamente, as relações e consequências dos fatos efetivos.

Podemos avançar mais um pouco e dizer que os fatos observados no mundo, a evidên-

cia deles não é critério de verdade. O critério é lógico e é expresso por meio da figuração lógica. O que queremos dizer com isso? Que são os fatos que nos permitem chegar à lógica, embora essa se baste a si mesma. Porque os fatos mesmos são submetidos à lógica.

Isso pode causar espanto aos nossos interlocutores, portanto, tentaremos desfazer os embaraços. Sabemos que quem cuida dos fatos é a ciência, ou, como diria Wittgenstein, “A totalidade das proposições verdadeiras é toda a ciência natural (ou a totalidade das ciências naturais).” (4.11). A proposição para ter sentido é necessário que ela possa ser verdadeira ou falsa, como um fato. É essa bipolaridade que a torna proposição.

Não obstante, ao observarmos os fatos, as nossas sensações apontam algumas regularidades nos mesmos. O que pode nos induzir ao erro e levar-nos a acreditar que no mundo existe alguma necessidade. Um olhar mais atento acompanhado de uma análise profunda mostrará que a aparente regularidade dos fatos não lhes é constitutiva, mas é efeito de necessidade lógica. Assim, a observação direta dos fatos mostra, por meio de análise e inferência, a estrutura lógica que regula o mundo. Ao descrever o mundo, a ciência não nos mostra uma regularidade do mesmo, mostra, sim, a estrutura lógica que organiza a experiência possível.

Por conseguinte, se a lógica cuida de si mesma e o sentido proposicional independe dos fatos, estes, por inferência ou dedução, nos conduzem à lógica. Não existem fatos lógicos, mas os fatos empíricos, ao servirem de aplicação para a lógica, tornam-se espelho e, como num jogo simétrico, a proposição espelha o fato. Mas isso só é possível porque proposição e fato são complexos e, como tal, devem ser compostos por elementos simples. O elemento simples dos fatos é o objeto e o elemento simples da linguagem é o nome.

“[...] Da correta justaposição entre os elementos do mundo (sua substância) e os elementos da linguagem (os nomes), legitimase a figuração lógica.” (SILVA, 2006, p. 64). Desse modo, é pelos fatos que chegamos aos objetos, do mesmo modo que é pela proposição

que chegamos aos nomes.¹ Isso não acontece por causa da vontade ou do desejo do sujeito. Ocorre porque é previsto logicamente que todo complexo é composto de elementos simples. Mas, do simples não sabemos nada.

Com efeito, os objetos são incolores e indistinguíveis. Logo, não podemos descrevê-los. Mas é necessário que haja objetos e que eles sejam simples. Mais ainda, é necessário que neles estejam dadas todas as possibilidades de arranjos de coisas, ou seja, de fatos. Assim sendo, é a evidência do fato que nos leva a inferir o objeto. Um fato não diz nada sobre si mesmo, pois, ele além de ser contingente é só uma possibilidade. Ser um fato ou não sê-lo é algo que depende inteiramente da lógica. Não existem fatos novos, só aqueles que já estão previstos. Destarte, por não conhecermos as propriedades internas dos objetos – já que são simples – não podemos também conhecer todos os fatos, de modo que só podemos conhecer cada combinação dos objetos na medida mesma em que eles se configuram em fatos.

Por fim, o que cumpre à filosofia e ao filósofo é a tarefa (*Aufgabe*) de clarificação lógica do pensamento, pois, a filosofia é uma atividade de análise conceitual e não uma doutrina. Portanto, não cabe à filosofia tentar dizer o que é o mundo. Proposições filosóficas não são possíveis. Essa é a tarefa da ciência. Toda tentativa de construção de proposições filosóficas redundará em contra-senso.

Assim, podemos pensar as proposições da filosofia nos seguintes termos: elas nada dizem sobre os fatos, são incapazes de nos relatar sobre como está o mundo; porém, podem funcionar como flechas, ou seja, setas indicativas da correta direção à contemplação do mundo e da linguagem. (SILVA, 2003 ou 2006, p. 67).

Ou, fazendo uso de uma expressão do professor João Carlos Salles, “o discurso filosófico é relevante, mas não é significativo”.²

Referências Bibliográficas

PEARS, D. *As idéias de Wittgenstein*. São Paulo: Cultrix, 1973.

¹ Ocorre, aqui, algo semelhante ao que acontece na ciência: entidades observáveis indicam outras não observáveis. Isso é uma questão lógica.

² Esse foi um comentário feito pelo professor na aula da disciplina oferecida por ele: A filosofia da psicologia de Wittgenstein (17/10/2009).

PRADO NETO, B. *Fenomenologia em Wittgenstein: tempo, cor e figuração*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

SANTOS, Luiz Henrique L. "A essência da proposição e a essência do eundo", ensaio introdutório à tradução do *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 2008.

SILVA, José F. *Wittgenstein e o Empirismo Lógico: considerações sobre o papel da filosofia*. São Paulo. Revista Técnica IPEP, 2006.

SILVA, João Carlos S. P. "Uma certa fenomenologia em Wittgenstein". In: FERREIRA, M. C. (Org.). *Fenômeno e sentido*. Salvador: Quarteto, 2003.

WITTGENSTEIN, L. *Tactatus Logico-philosophicus*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. *Observações filosóficas*. São Paulo: Editora Loyola, 2005.